

Francisco Cândido Xavier

Retratos da Vida

**Ditado pelo Espírito
Cornélio Pires**

Índice

Cornélio, o Amigo	3
1 Conversa de Companheiro	4
2 Parentesco e Reencarnação	8
3 Ofensa e Ressentimento	11
4 Herança no Além.....	14
5 Sobre a Preguiça	17
6 Questão de Comida	20
7 Assunto entre Amigos	24
8 Laços Redentores	27
9 Assunto de Paixão	29
10 Desencontros de Amor.....	33
11 Questões de Mulher.....	37
12 Beleza e Paixão	40
13 Cousas das Trevas	44
14 Ambição Desregrada.....	48
15 Notas da Sovinice	51
16 Assunto de Morrer.....	54
17 Cura de Obsessão	57
18 Lutas da Irritação.....	60
19 Condenação e Vida.....	63
20 Apego Demais	66

Cornélio, o Amigo

Imaginemos neste livro uma sala de confraternização para diálogo e entendimento. Cornélio, o amigo, é o companheiro que nos recebe.

Dispensável a apresentação. Construtor do bem, que todos conhecemos para a nossa própria felicidade, saibamos ouvi-lo, através das aulas de amor e verdade que nos oferece e estaremos aprendendo com a bondade e com a vida, em nome do Cristo de Deus, para a nossa própria edificação.

EMMANUEL

(Uberaba, 22 de março de 1974)

1

Conversa de Companheiro

Eis hoje, caro José,
Meu singelo parecer.
Em carta você me fala
Que só deseja morrer.

E anota com insegurança,
Dizendo espantado a mim:
– “Você me diga, Cornélio,
Se estou certo agindo assim.”

Tal assunto em sua idéia,
Tão lúcida quão travessa
Realmente não entendo
Como lhe vem à cabeça.

Posso afirmar-lhe, de pronto,
Na força de nossa fé:
– Reajuste o próprio passo,
Não tente a morte, José.

Quem se esquece de viver,
Pensando em fim prematuro,
Acaba sem perceber
Caindo em salto no escuro.

Observe a Natureza:
Toda a vida se processa
Para serviço no tempo
Que não cogita de pressa.

O sol não registra idade,
A noite prepara o dia,
O fruto surge na hora,
Relógio não se abrevia.

Não falha a Obra de Deus
Cuja lei é a perfeição,
Todos temos lugar próprio,
Da estrela aos vermes do chão.

Morte, em si, é um velho marco
Na estrada de toda gente,
Aceitá-la é conformar-se,
Provocá-la é diferente.

A Terra é um navio grande
Nas águas do Amor Divino,
Quem sai dele contra a ordem,
Noutro barco é clandestino.
E quem se faz clandestino,
No grau em que se subleva,
Encontra rudes lições
No caminho a que se leva.

Vivia pedindo a morte
Nossa amiga Dona Inês,
Achei-a pior no Além,
Rogando um corpo outra vez.

Desanimou de viver
Nhô Nico da Tanajura,
Morreu mas vive isolado

Nas pedras da sepultura.

Xingando os filhos ingratos
Nhá Quina morreu aos poucos,
Mas vive cuidando agora
Dos netos muito mais loucos.

Por não suportar a nora,
Finou-se Olavo Vilela,
No Além não acha serviço
A não ser velar por ela.

Em não se ajustando ao genro,
Morreu Pio Avandava,
Hoje em dia quer ser filho
Do genro que detestava.

Por odiar a família
Morreu Marcelino Gaza,
Hoje, em luta, descobriu
Que está preso à própria casa.

Para fugir do trabalho
Finou-se o Juca Pulchério,
Mas hoje só sente paz
Se fica no cemitério.

Morreu Lino por pirraça
Contra a esposa Ana Sarmento,
Agora corre atrás dela,
Gritando arrependimento.

Conserve o seu próprio corpo,

É a medida que lhe peço;
Ele é seu campo de luta,
Sua enxada de progresso.

Não se descuide da vida
Nem viva no mundo às tontas,
A morte nos muda a casca
Mas não nos resolve as contas.

A morte que traz descanso,
Paz, reconforto, alegria
É aquela que nos procura
E chega sempre no dia.

2

Parentesco e Reencarnação

Você nos pede por carta,
Meu prezado amigo João,
Que a gente escreva no tema:
Família e reencarnação.

Assunto vasto, meu caro,
Tão vasto que já nem sei
Andar nesse labirinto
Mesmo andando à luz de lei.

O lar parece uma empresa
De lucro certo e bem-vindo,
Surge na Terra em dois sócios,
Depois a casa vai indo...
O casal primeiramente
Celebra doces afetos,
Em seguida, ganha filhos
E os filhos arranjam netos.
Logo após é um grupo grande
Ao qual, de forma concisa,
A gente volta em criança
Procurando o que precisa.

A luta chega... Entretanto,
O progresso vale a pena.
É isso aí... Cada berço
Põe a vida em nova cena.

O mundo lembra um teatro,

Cuja função nunca cessa,
Toda casa lembra um palco,
Cada família é uma peça.
O espetáculo é de todos,
A prova é parte comum,
Mas proveito e aprendizado
São coisas de cada um...

Antes do berço rogamos
A luta que nos apraz,
Depois, muito comumente,
Buscamos voltar atrás.

Requisitamos em prece
Inimigos por parentes
E ao revê-los, ombro a ombro,
Reclamamos descontentes.

Às vezes, a filha ingrata
É aquela jovem sofrida
Que abandonamos à rua
Nos prazeres de outra vida.

Filho criando problema,
Tristeza, mágoa, perigo:
Adversário de outrora
Cobrando débito antigo.

Noras cruéis, genros brutos,
Pai tirânico e violento,
São contas do crediário
Resgatado a sofrimento...

Rugas, brigas e desgostos
Espinheirais do passado,
Pagamento a prestações
De culpas por atacado...

Nossos erros de outras eras,
Ódio, inveja, tentação,
Retornam pela família
Na lei da reencarnação.

Quem amou, quem deu de si,
Sobe de altura e lugar,
Quem fez sofrer vem sofrer,
Quem bateu vem apanhar.

Quem dos outros fez capacho,
Cria resgate severo,
Quem foge ao próprio dever
Vem de novo à estaca zero.

Parentela é escola santa
Sempre que a vemos daqui,
Cada qual encontra em casa
Aquilo que fez de si.

Ame, perdoe, sirva e ajude
Quanto ao mais, meu caro irmão,
Se você sofre em família,
Não reclame, agüente, João.

3

Ofensa e Ressentimento

Você deseja de nós
Meu caro Luiz Sarmiento,
Alguma fala qualquer,
Em torno ao ressentimento.

Diz você: “cá neste mundo
Não sei como me exprimir,
Se não aprendo, não sinto,
Se aprendo, devo sentir.
Se recebo alguma ofensa,
Zombaria ou pescoção,
Se nada disso me fere
Como guardar a lição?”

Sua palavra bem feita
Lançando o assunto no ar,
Dá muita filosofia,
Muita cousa que pensar...

Em toda questão de ofensa,
É necessário se insista:
Pede a vida que se mude,
O nosso ponto de vista.

Quem é aquele que ofende?
As vezes é um pobre louco...
De outras vezes, um doente
Que enlouquece pouco a pouco.

De que modo condenar
Quando me cabe entender,
Se todos somos no mundo
Capazes de adoecer?
Por isto, ressentimento
Dos enganos que se leva,
Quando embutido no peito,
Lembra um novelo de treva.

O ponto grave na ofensa
Está sempre na pessoa,
Que condena e se lastima,
Que se arrasa e não perdoa.

Surge a mágoa... Leve sombra
Numa estranha formação,
Depois recorda serpente
Por dentro do coração.
Faz tristeza, inimizade,
Vida irritada e insegura,
Discórdia, injúria, sarcasmo,
Separação, amargura...

Quem guarda ressentimento,
Note bem, veja você:
Coloca o mal no que sabe,
Veneno em tudo o que vê.

Ressentimento onde esteja
Traz sempre como é notório,
Muita doença imprevista,
Muita ficha em sanatório.

Se você sofreu ofensa,
Lembre o perdão de Jesus,
Quem se ofende ajunta sombras,
Quem perdoa tem mais luz.

Contra alguém, seja quem for,
Que nunca se erga a voz,
A justiça vem de Deus,
O agravo é que vem de nós.

Mesmo entre pedras e lutas,
O amor trabalha e auxilia...
O tempo emenda a nós todos,
Cada qual tem o seu dia.

4

Herança no Além

Você deseja saber
Meu caro Joaquim Monforte,
Dentre os assuntos de herança,
O que há depois da morte.

Respondendo a sua carta
Cumpro apenas um dever;
Herança dá muita encrenca,
Você nem queira saber.

Decerto que há muita gente,
Caminhando ao nosso lado,
Que sabe usar com Jesus
Os bens de qualquer legado.
Entretanto, em muitos casos,
Nos passos de muitas vidas,
Heranças trazem problemas
Às pessoas mais queridas.

Amparo que você queira
Fazer, em verdade são,
Auxílio, bênção, favor,
Não deixe para amanhã.

Nosso Téo deixou ao genro
A fazenda Carolina,
O moço inexperiente
Descambou na jogatina.

Tanta injúria de inventário
Recebeu Nhô Chico Bentes
Que se fez obsessão
De todos os seus parentes.

Nhá Nicota ajuntou casas
Em favor da própria filha;
Viu a filha envenenada
Numa questão de partilha.

Nhô Tino deixou aos filhos,
A fazenda da Tronqueira
E os rapazes sem trabalho
Caíram na bebedeira.

Calma legou à filha
Todas as lojas de um prédio:
A moça largou o estudo,
Depois matou-se de tédio.

Teotônio legou milhões
Para o bisneto Tadeu;
Ao vê-lo abusar de drogas
O coitado enlouqueceu.

Nicão viu tantas loucuras
Na viúva Dona Criste,
Que deseja ir para o inferno,
Mas o inferno não existe.

Joaninha ao achar as filhas,
Em sombra, gozo e moleza,
Hoje pede vida nova

Afundada na pobreza.

Se você tem para dar
Não exija condição,
Dê trabalho e caridade,
Paz, amor e educação.

Bendita seja a pessoa
Que recebendo uma herança,
Sabe espalhar benefício,
Conforto, luz e esperança.
No entanto, muito legado
É mero apoio ilusório,
Há muito desencarnado
Que enlouqueceu no cartório.

5

Sobre a Preguiça

Tenho em mãos sua consulta,
Minha prezada Larissa,
Você procura por nós,
Informe sobre a preguiça.

Preguiça mesmo no Além,
É uma sombra malfazeja,
Que o nosso espírito abraça,
Contra si próprio onde esteja.

É treva de obsessão,
Tão forte aí quanto aqui,
Moléstia do pensamento
Que a pessoa esconde em si

A preguiça escuta o verbo
De quem procura ajudar,
A prova, aceita, agradece,
Depois se põe a queixar.
Fala que anseia servir,
Dia a dia, hora por hora,
Que o trabalho é sempre a trilha
Por onde a vida melhora.
Afirma que a vida é luta,
Conhece o próprio dever,
Mas apresenta as razões
Porque não pode atender.

Preguiça não evolui,

Diz ela: – porque não tem,
Palavra de voz amiga
Nem proteção de ninguém.
As lágrimas que carrega
Só ela as vê como são,
Tem problemas que não cessam,
Tem família em provação.
Traz a saúde imperfeita
Embora reze com fé,
Suporta a cabeça fraca,
Carrega fogo no pé.
Tem cólica, batedeira,
Dor no fígado e no baço,
De dia, tudo é tristeza,
De noite, tudo é cansaço.
Sente aflição e azedume,
Sofre a queda dos cabelos,
Caminha de perna bamba,
Tem dores nos tornozelos.
Padece angústia constante,
Vê fel por todos os lados,
Alega a perseguição
De espíritos atrasados.
Quando está caindo chuva
Sofre zelos naturais,
Quando o calor aparece
Diz que o calor é demais.
Não se agüenta com vizinhos
Que estão sempre contra ela,
Em casa nunca dispõe
De apoio da parentela.

Preguiça, prezada irmã,

É sempre uma cousa assim:
Um sofrimento parado
Numa doença sem fim.

Preguiça, antiga moléstia,
É praga na criatura,
Recebe muito remédio
Mas só serviço é que cura.

6

Questão de Comida

Você procura saber,
Meu caro Afrânio Caçula,
O que sucede no Além
Com quem se estraga na gula.

Parece problema simples
A questão que você traz
E nela há muita questão
De vida, saúde e paz.

Você sabe, caro irmão,
Viver de fome é impossível.
Tudo o que anda e trabalha
Precisa de combustível.

Note a lição do automóvel:
O carro, seja qual for,
Se move é com gasolina
Dosada para o motor.

A roseira por mais linda
Acaba mofina e tonta,
Quando sente na raiz
Adubo acima da conta.
Assim também a pessoa
Por mais robusta e mais forte,
Se come quanto não deve
Procura doença e morte.

A gula sempre estrangula
A paz de qualquer irmão,
Conversando, além de tudo,
A sombra da obsessão.

Recorde: comia tanto
O nosso Quinquim Peixoto
Que acordou no próprio enterro,
Buscando restos de esgoto.

Tanto abusava de peixe
O amigo Teotônio Pio,
Que vive depois de morto
Lançando rede no rio.

Andava de prato grande
Nhô Juca do Alagadiço,
Agora desencarnado
Tornou-se papa-chouriço.

Aquela morte esquisita
De Dona Rita da Estaca?
Foi gula... Morreu comendo
Veneno de jararaca.

Outra morte... a de Antonico
Na Fazenda Nazaré,
Foi pesada indigestão
Com carne de jacaré.

Morreu comendo bichinhos
Nhô Nico Boaventura,
Sem corpo vive caçando

Farofa de tanajura.

Nhô Silvino, de repente
Morreu no Sítio da Sobra,
Comera de siriema
Que havia comido cobra.

Comia tanto, mas tanto
Juquinha Paraguassu,
Que hoje desencarnado
Só pensa em frango e tutu.

Nem gordura nem magreza
Turvam a vida no Além,
Cada qual anda na Terra
Conforme o corpo que tem...

Mas a comida em excesso
Por hábito inveterado
É tormento doloroso
Que dá problema e cuidado.

Viva muito e coma pouco
Na paz que nos endireite,
Nem na montanha do açúcar,
Nem na cisterna do azeite.

Há muita gente na Terra
De prato pesado e fundo
Que acampa no necrotério
E volta aos pratos do mundo.

Não se alarme no que digo,

Por estas linhas gerais,
Coma sempre o que precise
É só não comer demais.

7

Assunto entre Amigos

Recebi o seu bilhete,
Meu caro Juca Vilaça.
Pede você que lhe escreva
Algo mais sobre a cachaça.

Explica você: “Cornélio,
Abra o caso mais a fundo,
Fale mais dos resultados
Quanto à pinga no outro mundo.”

Você tem razão. A pinga,
Por mais que a verdade doa,
Sem controle que a governe,
Arrasa qualquer pessoa.
Além de ser forte agente
Da obsessão tal e qual,
Provoca desequilíbrio
No corpo espiritual.
Prejudica e desfigura
Muito mais do que se pensa,
Cachaça, por si, carrega
Tristeza, inércia, doença...

Em qualquer parte onde surja,
Lembra sempre, em qualquer clima.
Enxurrada morro abaixo
Ou fogo de morro acima.
Muito difícil contê-la
Quando segue de arrastão

Porque mergulha a cabeça
Em sombra ou destruição.

Você recorda o Pereira
Da Mata do Xique-Xique...
Desencarnado, ele mora
Numa beira de alambique.

Morreu de tanto beber
Nhô Totico da Água Santa;
Hoje, sem corpo, anda à caça
De quem lhe empreste a garganta.

Rafael foi-se em bebida,
– O pobre do nosso Rafa, –
E agora em vida diversa
Só pensa em copo e garrafa.

Daqui, vejo, rua em rua,
Sem rumo em que se comande,
Nosso Ercílio do copinho
Que tombou em litro grande.

Embriagada vivia
Dona Quiquita Borela...
Depois da morte procura
Quem tome pinga com ela.

Uma história das mais tristes
A do nosso Chico Souza...
Perdendo o corpo em ressaca,
Não se lembra de outra cousa.

Largando o mundo, aos copázios,
Nhô Bernardo do Lajão,
Continua, após a morte,
Na mesma perturbação.

Cachaça, meu caro amigo,
Tem este traço comum:
Estraga de qualquer modo
A mente de qualquer um.

Em muito caso de angústia,
Nas provas justas da vida,
Muito suicídio e loucura
São do excesso de bebida.

Nas festas e cerimônias
Não se canse de aprender
A arte de alçar o copo
Nobre e firme sem beber.

Pinga ajuda o coração?..
Disso há gente que se gabe,
Mas se cachaça é remédio
A medicina é que sabe.

Quanto a nós, recorde o aviso
Do nosso Nico Belém:
–“Água que gato não bebe
Não auxilia a ninguém.”

8

Laços Redentores

**(Resposta a um amigo que nos questionou,
com relação à ofensa e ressentimento)**

Ressentimento não vale.
A justiça não se atrasa
E a lei da Reencarnação
Atua dentro de casa.

Olhe o caso de Cristina,
Envenenou João Gamela,
Mas João, depois de algum tempo,
Renasceu... E é filho dela.

Embora a morrer em sangue,
Neca abateu Genserico;
Hoje são gêmeos em luta
Na roça do Tico-Tico.

Furtando-lhe sítio e casa,
Quinquim matou Rui da Venda,
Mas Rui nasceu neto dele,
A fim de herdar-lhe a fazenda.

Quintino arrasou Gregório
Com bebida numa festa...
Gregório voltou a ele,
É o caçula que o detesta.

Em não querê-la por nora,

Teotônio acabou com Lica,
Vejo a moça reencarnada:
É a neta que o prejudica.

Nina induziu Vaz à morte,
Suicídio triste sem causa,
Hoje ele é o filho doente
Que ela carrega sem pausa.

Lula matou Antônio,
Simples paixão de mulher...
Mas Antônio renasceu...
É o filho que não a quer.

Téo levou Juca ao suicídio.
Eis que o tempo vem e vai.
Juca hoje é o filho dele,
Um filho que odeia o pai.

A Terra lembra hospital
Se a vemos de ânimo atento,
Levantam-se muitos lares
Por celas de tratamento.

Ressentimento, desforra,
Não adiantam, rapaz,
A vida cobra com juro
As contas que a gente faz.

9

Assunto de Paixão

Você deseja notícias,
Meu caro Juca Simões,
Sobre o que existe no Além
Ante a luta das paixões.

O assunto do seu pedido,
Quanto ao que busca saber,
É tão fácil de sentir,
Tão difícil de escrever!...

Reconhecemos: o amor
É luz em todo ser vivo,
Mas quando vira paixão
É processo obsessivo.

Há paixões de toda espécie,
Por encargos, por dinheiro,
Por mando, posse, vingança,
Rolando no mundo inteiro.

Mas a paixão propriamente
Que merece grande louvor
É aquele calor que surge
Por labareda do amor.

No começo é uma faísca,
Com clarão vago e miúdo,
Depois é fogo crescendo,
Incêndio que arrasa tudo.

A pessoa nessa prova
Vagueia tonta e insegura,
Pode enrolar-se no crime,
Quanto cair na loucura.

Veja a tragédia de Alvina,
Apegou-se ao Filomeno,
O moço quis Nominata,
Alvina foi-se a veneno.

Eugênio amava Tintina,
Tintina escolheu Jão Massa,
Só por isso o pobre Eugênio
Vive hoje de cachaça.

Contrariado no amor,
Dedicado à Gabriela,
Excitado, o Longimano,
Deu dois tiros no pai dela.

Você recorda decerto,
O nosso Quinquim da Areia,
Matou Ziziu por ciúme
E afundou-se na cadeia.

Recusado por Tininha,
Irvalmo arrasou Clemente,
Depois disso, exasperado,
Enlouqueceu de repente.

Outra cousa, veja esta:
Nessas mortes por paixão

Aparece grande parte
Dos casos de obsessão.

Ninita por desprezar,
Matou Gil de Saramenha,
Mas sem corpo Gil a segue
Como fogo atado à lenha...

Sertório morreu aos poucos,
Envenenado por Zuma,
Sertório desencarnado
Não a deixa hora nenhuma.

Joana desfez-se de Antero
Para entregar-se ao Fontana,
Mas o espírito de Antero
Vive ligado com Joana.

Segundo todos sabemos
Cada qual vive por si,
Cuidado !... Foge à paixão
Que a paixão é isso aí...

Se você gosta de alguém,
Recorde: amor não reclama,
Não prende, nem sacrifica
E ampara sempre a quem ama.

Não procure ser amado
Ame e abençoe por dever,
Mantenha sinceridade
E deixe a vida correr.

Paixão é cousa da sombra,
Dor que a si própria maldiz,
Mas o amor é luz de Deus,
Amor é a vida feliz.

10

Desencontros de Amor

Você deseja noções,
Meu caro Luiz Heitor,
De como se vê no Além
Os desencontros de amor.

Vejo agora que você
Tocando nessa questão,
Anota como se deve
A Lei da Reencarnação.

Se o estudo sobre a Terra
Fosse a luz de toda gente
A vida de cada um
Surgiria diferente.

Muitos renascem no corpo
Para renúncia e serviço,
Mas depois, passada a infância
Não querem nada com isso.
Principalmente em matéria
Do amor que salva e ilumina,
Quando se perde a cabeça,
Lá se vai a disciplina.
Se nos amássemos todos,
Segundo o amor de Jesus,
Tudo seria na Terra
Bondade, alegria e luz.
O amor, no entanto, entre os homens,
Tem força de correnteza

E o sexo lembra um rio
Que precisa de represa.
Se uma afeição de outras vidas
Vem, de novo, ao nosso olhar,
A condição em que esteja
É uma lei a respeitar.

Pode-se amar a pessoa
Em bases de estima e fé,
Como se guarda uma flor
Que não se arranca do pé.
Mas muita gente no teste,
Reencontrando um ser amado
Desgoverna-se de todo,
E deixa o dever de lado.
Se a criatura cai nisso,
Olvida o senso comum,
Menospreza o compromisso,
Não aceita aviso algum.
Abandonado o programa
Que se trouxe ao renascer
Os males que surgirão
Ninguém consegue prever.

É muito amigo da vida
Procurando o próprio azar,
Há muito drama no mundo
Que precisamos lembrar:

Maricota matou João
E deu-se ao Natividade,
Mas João hoje é filho dela
Sem justa necessidade.

Carolino suicidou-se
Largado por Florisbela,
Que não pode ser de Antônio
Por ver o morto atrás dela.

Antero morreu por Joana
Pois Joana deu-se ao Benfica,
Antero voltou aos dois
É o filho que os crucifica.

Quitéria arrasou Belinha
Para dar-se ao Gil Cascudo,
A vítima renasceu.
É a filha que a fere em tudo.

Cervino acabou com Cláudio
Conquistando Dona Elisa,
Mas o morto regressou...
É o filho que os escraviza.

O triângulo afetivo
Que não se forma, a contento,
Termina sempre na vida
Em trio de sofrimento.

Se você gosta de alguém,
Mas já não está sozinho,
Cultive o amor dos irmãos,
Não complique seu caminho.
Você faça o que quiser,
Liberdade é cousa santa,
Mas não se esqueça, meu caro:

Cada qual colhe o que planta.
Se você apenas luta
Por desejo e tentação,
Separação não se entende,
Divórcio não tem razão.

Cumpra o dever que abraçou
Alegre, forte, sereno,
O sexo com remorso
É melado com veneno.

Recorde o antigo provérbio
De valor singelo e raro:
–“Quem a paca cara compra,
pagará a paca caro.”

11

Questões de Mulher

Recebi o seu bilhete,
Prezada irmã Guiomar,
Anotando três consultas:
União, mulher e lar.

Três colunas vigorosas
De expressão indefinida,
À feição de pedestais,
Para a grandeza da vida.
União surge primeiro,
O lar reponta depois;
A mulher recorda a luz
Que Deus coloca entre os dois...
Nesta verdade tão simples
Para qualquer dos mortais,
Todo homem pode muito,
Mas a mulher pode mais.
Foram feitos um e outro,
Ela, o anjo, ele, o herói
Para marcharem unidos
Em tudo o que se constrói.
Quando falham entre si,
Surgem problemas em cacho,
Onde a brecha se desdobra,
A construção vem abaixo.

Olhe o romance de Joana:
Trocou Joaquim por Galeno,
Mas Galeno quis Lolota

Que arrasou Joana a veneno.

Lilita não desculpou
Alguns deslizes de Alberto...
O esposo ao ver-se humilhado,
Matou-se com tiro certo.

Dura tragédia a que vimos
Em nosso Tião Cerqueira,
Largado pela mulher,
Jogou-se da ribanceira.

Querendo sobrepujar
O marido, Adão Ventura,
Dona Quintina da Prata
Teve morte prematura.

Jandira fugiu de casa
Por não perdoar Castilho,
Mas provocou simplesmente
A perda do próprio filho.

Deixou o lar sem razão
Dona Cota de Inhaúma,
Fez-se mulher de prazer
Mas sem paz em parte alguma.

Julgando o esposo infiel,
Suicidou-se Aninha Graça,
O pobre caiu vencido
Entre o delírio e a cachaça.

Lilia da Conceição

Largou Juquinha Belém,
Tornou-se mulher de muitos,
Sozinha como ninguém.

Zina por ódio e vingança
Largou Janjão Calatrava,
Mas lacrou no sanatório
As filhas que idolatrava.

Teotônia por desavença
Lançou o esposo no lixo,
Hoje é mulher desprezada
Na mata do Carrapicho.

Por toda parte do mundo
Se a mulher larga o dever
Deserções, crimes, suicídios,
São fáceis de aparecer.

De toda conquista humana
Que temos e que virão
Deus situou na mulher
A paz, o amor e o perdão.
E o homem? Não me perguntem...
Ao nascer, vezes e vezes,
Já começa dependendo
Da mulher por nove meses.

Se sofre, nunca se queixe,
Tolere irmã Guiomar,
A justiça vem de Deus
Ninguém precisa apressar.

12

Beleza e Paixão

Eis aqui nossa resposta
Prezada Nina Tereza,
Em torno à sua consulta
Sobre as questões de beleza...

Você diz: –"Não sei porque
Tanta gente tem por norma,
Trocar amor por desprezo,
Quando a vida muda a forma".

Você quer saber, a fundo,
Se é luxo perante o Além,
Apresentar-se a pessoa
Na melhor forma que tem...

Muita gente deita idéias,
Ao redor desta questão,
Entretanto, a Natureza,
É sempre o Belo em ação.

Cada manhã, fite a Terra,
Tudo é som, grandeza e cor,
O sol é ouro no Azul,
O chão é verdura e flor.

Contemple o fulgor do monte,
Quando o monte se ilumina...
O mar é a beleza imensa
Na força da disciplina.

A árvore é um lar de ninhos,
A relva é finura e graça,
A fonte é a presença viva
Da melodia que passa...

Note o maciço de lodo
Em que o charco se resume:
Dele nasce o lírio alvo,
Irradiando perfume...

Em todo abuso de amor,
Nos dramas que vêm e vão,
O delito vem de nós
Quando nos cega a razão.

Recorde o caso de Júlio,
Era louco por Maria,
Quando a pobre ficou surda,
Recusou-lhe a companhia.

Luiz adorava Aurora
No Sítio de João Fontana,
No entanto, ao vê-la doente,
Luiz trocou-a por Joana.

Foi operada na face
A noiva do Clarimundo,
Bastou vê-la mutilada
E o moço sumiu no mundo.

Romance dos mais bonitos,
O de Antônia com Dirceu,

Dirceu foi acidentado,
O amor de Antônia morreu.

Gabriela com Talico,
Noivado e linda novela...
Talico faliu na praça,
Lá se foi a Gabriela.

Encontrando a noiva enferma
No Roçado da Matriz,
Juquinha não mais quis vê-la
Declarando-se infeliz.

Joel dizia adorar
Marina de Dona Andréia,
Marina caiu de cama,
O rapaz mudou de idéia.

Joaquim prometeu casar-se
Com Nhanhá do Clodoveu,
Ao vê-la de pés inchados,
Joaquim desapareceu.

Como vê, prezada amiga,
Nos domínios da afeição,
Amor detido na forma
Não é amor, é paixão.

Beleza vestindo a vida
Por princípio incontroverso,
É sempre a marca de Deus
Na luz de todo Universo.

Quem ama acima da forma,
Quem se eleva amando assim,
Em tudo encontra a beleza
Brilhando no amor sem fim.

13

Cousas das Trevas

Em carta você pergunta
Minha irmã Zina Belém,
O que se pensa do aborto
Na vida do Grande Além.

Desejaria falar
Em verbo claro e graúdo!...
Só sei dizer que onde moro
Aborto complica tudo.
Muitos prometem dar corpo
A credores e a colegas.
Nascem, crescem... Mas depois,
Caminham vivendo às cegas.
Espíritos recusados
Na fúria louca em que estão
Promovem desequilíbrio,
Conflito, perturbação.
E a Lei que tudo corrige
Perante o aborto ilegal
Entrega o problema à dor
Extraindo o bem do mal.

Pode crer: mancha de culpa
Na roupa do pensamento,
Somente desaparece
Com o sabão do sofrimento.

Olhe a tragédia de Ertúzia
Prometeu corpo a Joaquim,

Fugiu do trato, mas hoje
Sofre doenças sem fim.

Téo praticou muito aborto,
Em pobres moças da roça,
Depois entrou na bebida,
Caindo de fossa em fossa.

Dona Helena do Lagedo
Fez os abortos que quis,
Morreu e tornou à Terra
Doente, triste e infeliz.

Lili fez muitos abortos...
Desencarnou em Portela..
Quer nascer... Pede socorro,
Mas o povo corre dela.

Outra arrasava os pequenos
A jorros de água fervente,
E Tuta que, alucinada,
Só vê crianças à frente.

Belinha nasceu no mundo
Para dar corpo ao Libório,
Depois de expulsá-lo a ferros,
Rumou para o sanatório.

Por aborto, lá se foi
Aninha do Desidério...
Da parteira Dona Cissa
Passou para o necrotério.

Tina expulsou quatro vezes,
O espírito de João Róssi,
Logo após, caiu de cama,
Morreu de câncer precoce.

Teotônia fez vinte abortos
Em várias moças da Estaca...
Morreu e voltou ao mundo
Trazendo a cabeça fraca.

Amargosa provação
A de Ninhanha Ventura,
Seis abortos, seis problemas,
Obsessão e loucura.

Muito espírito conheço
Que sonhava paz e amor,
Que não podendo ser filho
Tornou-se perseguidor.

Cada qual é responsável
No amor que aceita ou que alcança;
Compromisso a cada um,
Mas que se poupe a criança.

Maternidade é tarefa,
Luminoso compromisso,
Um filho é bênção de Deus,
Não proteste, pense nisso.

Quando o aborto é indispensável
Tem a justa explicação,
Mas fora desse caminho

Aborto é perturbação.

Minha irmã, fuja do aborto,
Se um filho é a bênção que levas...

Aborto desnecessário
É sempre cousa das trevas.

14

Ambição Desregrada

Recebi a sua carta,
Meu caro amigo Silvestre,
Você faz uma consulta
Em grave questão terrestre.

Você deseja saber
O que ocorre aos que se vão
Para a vida, além da morte
Em desregrada ambição.

O amigo não desconhece:
Ambição de fazer bem,
Anseio de ser melhor
Não fazem mal a ninguém.

Mas a febre do egoísmo
De quem quer mais, mais e mais
Sem precisão ou proveito
Arrasa as forças mentais.

Nesses casos, a pessoa,
Larga o corpo, exige e erra,
De ilusão para ilusão,
Perambulando na Terra.

Você recorda o Nhô Neca
Que arruinou muita viúva,
Desencarnado é um mendigo
Mas pensa que é manda-chuva.

Depois de morto, o João Panca
Que só queria dinheiro,
É vigia de um tesouro
Que enterrou no galinheiro

Nicão despojava os órfãos
Fosse a cara de quem fosse,
Morreu, mas anda chumbado
Ao sítio do Rio Doce.

Depois de deixar o corpo,
A sovina Dona Bela
É vista à porta dos bancos
E diz que os bancos são dela.

Finou-se a falar em ouro
O nosso Nhonhô da Mata,
Ele agora cata pedras,
Achando que ajunta prata.

Passeando bens dos cegos,
Desencarnou Mano Landi,
Pelo remorso, é um fantasma
Assombrando a Roça Grande.

Tomou muita terra alheia
Nhô Chico do Lavajão,
Desencarnado ele clama
Em sete palmas de chão.

Morreu louco de avareza
O esperto Quinquim de Souza,

Tendo acordado na tumba
Quer vender a própria lousa.

Guarde a certeza, meu caro,
Na trilha da criatura,
Ambição mais ambição,
A soma é sempre loucura.

Louva a paz do necessário
Que o trabalho nos consente,
Tudo aquilo que é demais
É desarranjo na mente.

Você mais cedo ou mais tarde,
Tal qual comigo se deu,
Ressurgirá no outro mundo,
Sozinho como nasceu.

15

Notas da Sovinice

Você deseja saber,
Caro Antônio da Planura,
O que sucede aos sovinas
Depois que a morte os procura.

O assunto pede cuidado,
Porquanto, em tudo, na essência,
Não se deve caminhar
Com base na imprevidência.

Observe a natureza:
Na horta uma simples erva,
Vive, ajuda e se garante
Mantendo a própria reserva.

A árvore ampara sempre
Na bondade de que é feita,
Mas resguarda a seiva própria
Para dar outra colheita.

Melhor é viver no mundo,
Relembrando a história antiga:
Nem tanto quanto a cigarra,
Nem tanto quanto a formiga.

Em verdade, nunca vi,
Em meus caminhos terrenos
Quem não tenha um tanto mais.
Para dar a quem tem menos.

Toda pessoa precisa
De escoras, forças e meios,
De maneira a não pesar
Nos orçamentos alheios.
Mas sovínice, meu caro,
Na melhor definição,
É o pesadelo da posse
Com trevas no coração.

Você recorda Nhô Bruno,
Falecido em Miradouro;
Sem corpo, dorme no pó,
Julgando que dorme em ouro...

Enterrou muita moeda,
O nosso amigo Marçal,
Desencarnado, é vigia
Na barranca do quintal.

Agora depois da morte,
Alanco do Estaleiro,
Anda buscando o colchão
Em que prendia o dinheiro.

Sem corpo, Nhá Benta Paula
Hoje é um fantasma perfeito,
Mora no armário das jóias
Que guardava sem proveito.

Conquanto rica, Nhá Cota,
Desencarnada em Cumbica,
Vive na cova, pensando

Que mora em mina de mica.

Apegada nas baixelas,
Morreu Nhá Joana de Deus,
Sem corpo, vive agarrada
Ao que ficou nos museus.

Muito rico, mas sovina
Finou-se Juca do Grampo,
Comeu por economia
Tatu ervado no campo.

Falando em ouro e mais ouro
Morreu Altino de Grotas,
Mora no barro pensando
Que está num montão de notas.

Nosso prezado, Nhô Tuca,
Morto no Sítio dos Lessas,
Vive com medo dos santos
Aos quais fintava promessas.

Prudência, caro Antonico,
É paz na hora futura,
Entretanto, sovínice
De qualquer modo, é loucura.

Trabalhe, faça proveito
Do que juntou pelo bem,
Saiba, sempre, antes de tudo,
Que Deus não falta a ninguém.

16

Assunto de Morrer

Quer você saber em carta,
Meu caro Joaquim Mamede,
Depois da morte do corpo
Aquilo que nos sucede.

A resposta necessária
Pede à gente tanto estudo,
Que muito desencarnado,
Neste ponto, fica mudo.
Digo, porém, a você
Sem a menor pretensão
Tanto a morte, quanto a vida
Exigem preparação.

Você sabe: sempre erramos,
Conforme o senso comum
Mas guarde a paz em si mesmo,
Não guarde remorso algum.

Trate o corpo com cuidado,
Imite o zelo de alguém
Que tendo uma enxada só,
Protege a enxada que tem.

Não chore as crises da Terra,
Que a própria vida se arruma,
Dos problemas que carregue
Não faça queixa nenhuma.

A favor da paz dos outros,
Ante a fé na qual se ampara,
Perdoe qualquer prejuízo,
Agüente tapa na cara.

Merece muito de Deus,
Quem poda sombra ou pesar,
Ajudando aos companheiros
Lutando sem reclamar.

Trabalhe quanto puder,
Quanto puder faça o bem,
Não há ninguém sem valor
Não pense mal de ninguém.

Julgar os outros? Desista,
É questão em que não entro,
Cada qual mostra por fora
Aquilo que traz por dentro.

Às vezes vemos na Terra
O crime ou a perturbação,
Mas lembre: vemos o mal,
Deus considera a intenção.

Fale menos, pense mais,
Cultive a comida pouca
Muita gente lembra peixe
Que se perde pela boca.

No copo muita atenção,
Naquilo que se recebe,
Em qualquer tempo, não tome

Água que gato não bebe.

Quanto ao mais cumpra o dever,
Recordando com juízo,
Que a morte é assim como a lei:
Chega sempre que é preciso.

17

Cura de Obsessão

Você procura saber
Prezada Rita Simão,
Qual a melhor das receitas
Na cura da obsessão.

Como sucede à doença
Que ataca sob disfarce
Obsessão quando surge
Tem os meios de ocultar-se.
Muitas vítimas preferem
Engano, fuga, prazer,
Há quem se largue na sombra
E deixa a sombra correr...

A história, no entanto, é esta:
O espírito obsessor
É sempre alguém que nos pede
Ensino, perdão e amor.
Alguém que pensa conosco,
Que fala por nossa voz,
Que caminha em nosso passo,
Que vive em nós e por nós,
Sempre alguém que nos atrai
Seja no bem ou no mal,
Que nos partilha depois,
A vida espiritual.

Refletindo no problema,
Considero, em torno disso:

Que a cura da obsessão
Tem a base no serviço.

Sabe você: ódio, inveja,
Paixão, impulso violento,
Hábito, rixa, aversão
Começam no pensamento.

Observe e notará
Nas lutas do dia-a-dia,
Sugestão de obsessor
Vem pela hora vazia.

Tempo recorda a moeda,
Roga caminho direito
Precisamos de equilíbrio
Para usá-lo com proveito.
Pessoa de tempo vago,
Sem manejá-lo no bem,
Dá pasto a muita ilusão,
Ouvindo o que não convém.

Quem sofra com tentações
Atenda, em linhas gerais,
A trabalho e mais trabalho,
Lidando e servindo mais.

Obsessor quando vê
A melhoria na gente,
Passa logo a refletir,
Tornando-se diferente.

É isso aí!... A entidade

Que nos perturba ou complica
Converte-se para o bem
Pelo bem que se edifica.

Se a questão é com você
Não se atrase, minha irmã,
Tarefa marcada hoje
Não deixe para amanhã.

Trabalhe. Não permaneça
Cozinhando a alma ferida,
Trabalho renova a mente,
A mente conduz a vida.

Estude. Não esmoreça,
Modifique a própria estrada,
Obsessor não agüenta
Nossa vida transformada.

Continue no auxílio aos outros,
Cria, esforce-se, não tema,
Na essência, temos aqui
A solução do problema:
A cura da obsessão
Na reforma se processa,
Mas pessoa que trabalha
Sara sempre mais depressa.

18

Lutas da Irritação

Em carta você pergunta,
Prezada Rita Frazão,
Como se anotam no Além
As lutas da irritação.

Pode crer. A irritação
Quando envolve a criatura,
É um pedaço de caminho
Para a morte prematura.

A cólera é sempre um mal
Embora pareça um bem,
Espinheiro de azedume
Não dá proveito a ninguém.

São muitos os casos graves,
Que a fúria estende por si,
Tanto nos atos da Terra
Quanto nos fatos daqui.

Tanto se irava por nada
Nhô Totico das Candeias,
Que se matou sem querer
Trancando o sangue nas veias.

Enraivecido, Nhõ Juca,
Na Roça dos Enjeitados,
Morreu grudado na chusma
De espíritos atrasados.

Enfurecia-se à toa,
O nosso Carlos Monteiro...
Ao irar-se no volante
Rolou no despenhadeiro.

Gritando desorientado
Contra tia Felisbela,
Nhô Ramos morreu de um bife
Engastalhado na goela.

Recorde o caso sabido
De Aninha de Nhô Vicente,
Caiu e morreu com raiva
Num tacho de água fervente.

Outra história muito triste
A morte de Adão Galeno,
Cego de raiva trocou
Sal amargo por veneno.

Sempre irritado na praça,
Tião do Sítio da Lua,
Fazendo compras na loja,
Morreu de briga na rua.

Outro caso doloroso
O de Chiquinha dos Matos,
Afogou-se na cisterna,
Querendo bater nos gatos.

Nhá Tina em fúria constante
Na Tapera do Riacho,

Quando surrava um cachorro,
Finou-se de escada abaixo.

Derrame acabou com Júlio
Na Fazenda da Floresta...
O pobre espantava as moscas
Com murros na própria testa.

Tenha calma e tolerância,
Não siga impulso violento,
A cólera, em qualquer parte,
É chuva de sofrimento.

Irritação? Fuja disso,
Não se esqueça, minha irmã,
Ante os entraves de hoje
Que a vida volta amanhã.

19

Condenação e Vida

Você procura notícias,
Meu caro Nuno Serrão,
Do que se diz no outro mundo
Em torno à condenação.

Na luta em que vamos indo,
Seu pedido, caro Nuno,
Encerra assunto excelente
Para debate oportuno.

Num mundo assim qual o nosso,
Onde a luta nos cativa,
Ninguém pode dispensar
A crítica construtiva.

Se erro e se muitos erram,
É preciso aparecer
Quem nos aponte verdade
Quem nos convide ao dever.
No entanto, a crítica nobre
Que ampara, esclarece e guia,

Traz consigo a segurança
Dos golpes de cirurgia.
O médico em plena ação,
Não corta, nem fere à toa,
Trata ou suprime a doença
Sem desprezar a pessoa.
Nesse sentido assinalo

Que aprendi desde menino,
A saber o que é melhor
Pelo socorro do ensino.
Mas censura por si só,
Vertendo verbo infeliz,
Lembra pedrada sonora
De quem não sabe o que diz.
E já que a vida devolve
Aquilo que se lhe oferta,
Toda pedra que atiramos,
Volta a nós rápida e certa.

Note o caso de Nhô Fábio,
Moral de conversa brava,
Morreu buscando prazer
Na rua que detestava.

Nicota falando às soltas
Acusava a mãe doente,
Um dia fugiu de casa
Para morrer delinqüente.

Laurentino reprovava
A trilha de Felisbela.
Foi-se o tempo e ele finou-se
Apaixonado por ela.

Jacó censurou o irmão
Por desposar Nhá Siluva;
Finou-se o irmão de repente...
Jacó ligou-se à viúva.

Falava Artur que o cigarro

É só veneno em consumo;
Depois de tanto fumar
Morreu no excesso de fumo.

Pregava contra a riqueza
Nosso amigo Zé Romão,
Ganhando na loteria,
Desertou da pregação.

Perseguido injustamente
Por jogo morreu Quim Cota...
E o filho que o acusava
Morreu na frente da sota.

Quirino Almeida zombava
Dos passes de Nhá Mariana...
Hoje, ele mesmo procura
Vinte passes por semana.

A vida é assim, caro Nuno...
Condenar não vale a pena,
Porque a gente sempre cai
Naquilo que mais condena.

Irritação e azedume
Criam angústia e pesar;
Perante qualquer ofensa
O melhor é perdoar.

Julgar exige cuidado
Pelos outros e por si.
Não condene, ajude sempre,
Que este assunto é isso aí.

20

Apego Demais

Você quer informação,
Meu caro Luiz Lamego,
Do que se sabe no Além,
Quanto aos problemas do apego.

Apego cria na gente
Muita luta e compromisso
Que o verbo ao nosso dispor
Quase nada conta disso.

Por força da Lei de Deus,
Sempre clara e benfazeja,
Cada qual acha no tempo
Aquilo que mais deseja.

Agarramento no mundo,
Na vista, uma cousa à toa,
Parece uma corda grossa
Que prende qualquer pessoa.

Posso dizer a você:
Nesse laço estranho e forte,
Temos amigos em monte
Lutando depois da morte.

Você recorda Nhô Juca,
O sovina de Água Raza
Depois de morto, deitou-se
No cofre da própria casa.

Nhô Chico viveu rondando
O antigo sítio da Penha,
Desencarnado, prossegue
Vigiando chão e lenha.

A moça do garfo grande,
Maricotinha Donato,
Sem corpo, só pensa nisto:
– Leitoa, galeto e pato.

Antonico da Caneca,
No Além, inda bebe e xinga,
Se o vejo é sempre escornado,
Junto à garrafa de pinga.

Outra que anda no copo,
Dona Augusta, da Água Bela,
Fora do corpo, procura
Quem queira beber com ela.

Conrado era da calúnia,
Nunca se soube porque,
Sem corpo vive escrevendo
Infâmias que ninguém lê.

Cultivava inveja e ódio
Nhô Tino do Sapecado,
No Além, parece uma bomba
Que todos deixam de lado.

Sempre fugiu do trabalho
O nosso caro Elentério,

Morreu, mas vive em descanso
Dormindo no cemitério.

Negociante usurário,
Desencarnado, Nhô Bem,
Conserva o punho agarrado
Na gaveta do armazém.

Guilhermino que morreu
De namorico e paquera
Vive agora atrás das moças,
Nem vê que o caso já era.

Pensem nisto, enquanto é tempo,
Apego, caro Luiz,
É o modo que o mundo encontra
De se fazer infeliz.

Educação e serviço
Indicam a paz segura,
Toda pessoa na vida
Tem aquilo que procura.

Pode crer. Depois da morte,
Quanto ao seu próprio lugar,
Aquilo que você busque
É a nota que vai contar!...

--- Fim ---

Amigo(a) Leitor(a),

Se você leu e gostou desta obra, colabore com a divulgação dos ensinamentos trazidos pelos benfeitores do plano espiritual. Adquira um bom livro espírita e ofereça-o de presente a alguém de sua estima.

O livro espírita, além de divulgar os ensinamentos filosóficos, morais e científicos dos espíritos mais evoluídos, também auxilia no custeio de inúmeras obras de assistência social, escolas para crianças e jovens carentes, etc.

As obras espíritas nunca sustentam, financeiramente, os seus escritores; estes são abnegados trabalhadores na seara de Jesus, em busca constante da paz no Reino de Deus.

Irmão W.

“Porque nós somos cooperadores de Deus.”

Paulo. (1ª Epístola aos Coríntios, 3, versículo 9.)